

O país que tem mais gente fora do que dentro

*Joana Gorjão Henriques- 5 de julho de 2015 – Publico*

O avião aterriza na Praia, em Santiago, num dia cheio de nuvens cinzentas de Junho. Podia ser um aeroporto qualquer, numa cidade com terreno seco e árido, apesar da aparente ameaça de chuva que nunca cairá. Mas aqui chegam e partem milhares de cabo-verdianos migrantes, gente que saiu do país ou que nunca viveu no arquipélago e que pertence a uma diáspora maior que a população local, de cerca de 500 mil habitantes. Gente que saiu porque não há emprego, porque a seca não permite que a agricultura floresça e porque o turismo, que é o motor de crescimento do país, não é elástico.

Um aeroporto é um lugar de partidas e chegadas, mas aqui em Cabo Verde é também de despedidas longas, às vezes por muito tempo, para sempre. É também o lugar onde aterram encomendas, presentes que vêm de longe, ou onde são despachados artigos da terra como grogue ou marisco.

Com mais população fora do que dentro, Cabo Verde é um dos países com mais altas taxas de emigração — as estimativas apontam para um milhão na diáspora. Perguntar a um cabo-verdiano se tem alguém da família a viver fora torna-se caricato, dizem-nos: é claro que toda a gente o tem. Há inclusivamente um Ministério das Comunidades, dedicado aos emigrantes.

Na Praia, em casa da mãe da antropóloga Eufémia Vicente Rocha, por exemplo, os anos “giram à volta da tia que vem de França, do tio que vem de Portugal e vai passar aqui um mês ou de outros familiares que vêm de Holanda e vêm passar quatro dias”. No prédio que a mãe construiu no bairro de Tira Chapéu, vivem Eufémia e as irmãs. Subimos as escadas até ao andar no topo onde vive a mãe e onde a família toda faz as refeições diariamente. Das janelas vêem-se os prédios em tons de terra e na cómoda, encostada à parede da entrada, dispõem-se os retratos da família em molduras de vários tamanhos.

Se os pais de Eufémia Rocha não tivessem emigrado para Portugal, talvez não estivesse a ser entrevistada esta doutorada em Ciências Sociais, professora no Departamento de Ciências Sociais e Humanas da Universidade de Cabo Verde, onde ensina disciplinas de Antropologia e dirige o mestrado em Segurança Pública.

Nos anos 1960, o pai de Eufémia emigrou para Lisboa. A mãe juntou-se na década seguinte. Mesmo não tendo gostado muito da vida de emigrante, foi isso que lhe permitiu juntar algum dinheiro para mais tarde investir. Foi em Lisboa que começou “a rabidar”, conta Eufémia numa voz muito pausada, agora noutra sala de estar. “Rabidante, ou seja, uma mulher que se insere no comércio informal e dedica-se a actividades de compra e venda intensa — rabidar é desenrascar, virar a vida.”

Em Lisboa, o pai trabalhava nas obras, a mãe era peixeira e ganhava mais. De forma que compraram uma carrinha: o pai fazia o transporte das mercadorias, “das caixas de peixe”, durante a madrugada, entre o Cais do Sodré e os outros pontos de venda. “Foi justamente os ganhos que essa vida deu que fez com que ela investisse na vida de rabidante”, agora já em Cabo Verde: foi vender no mercado de Sucupira, dos maiores na cidade, e na feira da Assomada, a segunda maior cidade de Santiago. Anos mais tarde, abriu uma loja com produtos de beleza e de higiene num pequeno centro comercial ao lado de Sucupira. Abriria depois mais três lojas: no bairro do Palmarejo, no Praia Shopping, um centro comercial junto à praia de Quebra Canela, que é uma das zonas sociais da cidade, e em Assomada. Construiu um prédio, um terreno que adquiriu em início dos anos 1990, e ainda uma casa em Assomada. Eufémia nunca recebeu bolsa para estudar, fê-lo sempre com a ajuda dos pais. “A minha mãe sempre disse [que estudar] é um investimento. Para ela, sempre foi claro que era um investimento, [queria] que os filhos tivessem uma vida distinta da dela. Nunca quis que seguissemos as suas pegadas em termos da profissão porque passava por inúmeras humilhações que

não queria que nós passássemos.”

Quando olha “para o panorama do país, do que se construiu”, Eufémia Rocha vê que foi “com o suporte desses emigrantes”, muito para além das remessas que representam 10% do produto interno bruto (PIB). Vê também que a emigração teve efeitos sociais na recomposição ao nível das famílias: “Acaba por alargar a visão que temos da família cabo-verdiana, de uma maneira que hoje não podemos falar da família mas das famílias cabo-verdianas. Há inúmeras reconfigurações familiares e essas reconfigurações são atravessadas pela emigração.” Exemplos: o facto de os homens partirem, deixarem as suas mulheres que passam a assumir o comando da casa e mantêm a família de pé, “mas sem deixar de lado a forte conexão com o marido que está no estrangeiro”; “termos cada vez mais mulheres a emigrar” e “mulheres jovens que emigram sem estarem atreladas à figura do marido”; ou famílias em que os filhos optam por ficar no país para onde emigraram mesmo depois de os patriarcas regressarem, “como é o caso dos meus tios, em que os filhos optaram por ficar” em Inglaterra, em Portugal.

Mais uma vez, Eufémia dá o exemplo da mãe, que apoia quem vier e quiser ficar, o que remete para uma concepção de família que é diferente do “modelo ocidental de família nuclear, pais e filhos”. “Aqui, toda a gente é família, mesmo quando os laços não são de sangue mas de afinidade. Muita gente pode vir e morar aqui em casa”, diz, com orgulho.

(...)

<https://www.publico.pt/2015/07/05/mundo/noticia/o-pais-que-tem-mais-gente-fora-do-que-dentro-1700904>